

Quatro contos

TCHECOS

Karel Čapek

Jan Neruda

Otakar Batlička

Alois Jirásek



Diadorim
EDITORA

quatro contos

TCHECOS

Karel Čapek
Jan Neruda
Otakar Batlička
Alois Jirásek



Quatro misteriosas vozes

São quatro as direções cardeais: norte, sul, leste e oeste. Quatro são estações do ano: primavera, verão, outono e inverno. Fogo, água, terra e ar são os quatro elementos. As fases da vida humana são quatro: infância, juventude, maturidade e velhice. Quatro são os evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas e João. Peste, Guerra, Fome e Morte são os quatro Cavaleiros do Apocalipse. Em *Quatro contos tchecos*, quatro são as vozes que nos falam, cada qual à sua maneira, sobre aquilo que não pode ser explicado.

Aprimeira voz pertence a um escritor indicado sete vezes ao Prêmio Nobel de Literatura. Karel Čapek, além de escritor, foi dramaturgo, ensaísta, editor, crítico literário, crítico de arte e tradutor do início do século XX. Mais conhecido por sua prosa de ficção científica, o escritor também foi politicamente engajado, lutando pela liberdade de expressão. Foi também um severo crítico da ascensão do fascismo e do comunismo na Europa.

Nascido na região montanhosa de [Malé Svatoňovice](#), no dia 9 de janeiro de 1890, Karel Čapek era filho de Antonín Čapek, que trabalhava como médico em uma fábrica, e de Božena Čapková, uma dona de casa. Božena, cujo marido tinha um temperamento muito difícil, sofreu durante toda a vida com depressão, o que não a impediu de pesquisar sobre o folclore local e transmitir seus conhecimentos aos filhos através das histórias e canções.

Os dois irmãos de Karel, Jozef e Helena, também seguiram carreira artística. Jozef tornou-se um famoso pintor e Helena, que, a princípio foi pianista, assim como Karel, tornou-se escritora.

No ano de 1953, o escritor casou-se com Olga Scheinpflugová. Devido à sua resistência à ocupação nazista, ele chegou a ser considerado o inimigo “número dois” pela Gestapo. Čapek foi também crítico do comunismo; devido a isso, sua obra demorou a ser reconhecida em seu país. No dia 25 de dezembro de 1938, Čapek faleceu, em decorrência de uma pneumonia.

A segunda voz ecoou pela América Latina através de um admirador não menos célebre, Pablo Neruda, que tomou emprestado o pseudônimo. Jan Nepomuk Neruda nasceu na cidade de Praga, no dia 9 de julho de 1834. De origens humildes, filho de donos de uma mercearia, Jan Neruda tornou-se jornalista, crítico de arte, poeta e escritor. Leitor de grandes autores como Shakespeare e Byron, Neruda tornou-se um dos maiores nomes do Realismo tcheco.

No ano de 1845, o escritor iniciou seus estudos na Escola de Gramática e, em 1850, na Academia de Gramática, ambas na cidade de Praga. Após cursar filosofia e filologia na Universidade Carlos, Neruda tornou-se professor, lecionando até o ano de 1860, quando passou a dedicar-se à escrita e à carreira jornalística.

Em 1871, o escritor foi declarado um traidor da nação, passando a viver no exterior, conhecendo países como a Itália, a Grécia, a França, a Alemanha, a Hungria e o Egito.

Muitos dos poemas do autor foram dedicados à Anna Holinová, seu primeiro amor. O segundo relacionamento importante na vida de Neruda foi o envolvimento com Karolína Světlá, também escritora, que apoiou o autor inclusive financeiramente. O caso teve fim quando foi descoberto por Petr Mužák, marido de Karolína. Uma outra grande perda marcou a vida e a obra do escritor: a morte de sua mãe, em 1869.

No dia 22 de agosto de 1891, Jan Neruda faleceu devido a complicações ocasionadas por um câncer no intestino. Sua morte causou uma grande comoção nacional.

A obra de Jan Neruda é marcada pela presença do extraordinário, como podemos perceber em “Como arruinar um mendigo”, que nos conta a história trágica de um homem que perde o pouco que tinha após ser supostamente amaldiçoado por uma feiticeira. Como ocorre em *A Bela e a Fera*, o protagonista sofre as consequências de recusar o pedido de uma bruxa. Sendo assim, podemos ler “Como arruinar um mendigo” como um conto de fadas com um final triste. Porém, se não participarmos do jogo sobrenatural proposto na história, podemos entender o conto como um relato de como a maledicência pode ser danosa. O desfecho, seja qual for a leitura, é trágico.

O dono da terveira voz é conhecido não somente por sua obra, mas também por ter sido um personagem importante na resistência de seu país contra a invasão nazista durante a Segunda Guerra Mundial. No dia 12 de março de 1895, na cidade de Praga, nascia Otakar Batlička.

O escritor, desde muito jovem, viajou por diversos países, o que contribuiu com sua fama de ser um grande aventureiro. Após retornar a Praga, sua cidade natal, Batlička criou uma estação de rádio amadora. Nessa mesma época, ele ingressou na Obrana Národa, a resistência tcheca, quando os nazistas ocuparam a Tchecoslováquia, ao mesmo tempo em que passou a escrever histórias de aventura, muitas delas baseadas em suas próprias experiências de viagens, ou baseadas em relatos de seus conhecidos.

No dia 14 de outubro de 1941, Batlička foi preso pela Gestapo e, em seguida, enviado ao campo de concentração de Theresienstad. Sua morte ocorreu no campo de concentração de Mauthausen-Gusen, no dia 13 de fevereiro de 1942.

“O medo” é uma dessas histórias. O conto revela o caso muito peculiar de uma morte ocorrida em terras muito distantes das suas. Narrado em terceira pessoa, o conto nos mostra o quanto alguém pode se deixar influenciar pelo medo. A história se passa no Brasil, durante o Ciclo da Borracha, e relata a aventura dos exploradores europeus em busca de riquezas. Esses aventureiros, muitas vezes, recorriam à violência para forçar os nativos a servi-los, como ocorre com o capataz Swan. Após ser advertido de que os indígenas também tinham suas armas, Swan fica obcecado com a ideia de ser atacado por aquele a quem havia maltratado. “O medo” que dá título ao conto é o temor de tudo aquilo que é desconhecido.

A quarta e última voz é de Alois Jirásek, que nasceu no dia 23 de agosto de 1851, na cidade de Hronov, que na época pertencia ao Império Austríaco. Jirásek, que é considerado um dos maiores escritores tchecos, nasceu em uma família humilde, composta principalmente por agricultores e tecelões. O escritor era um dos oito filhos de Josef Jirásek (1822-1901) e de Vincencie Jirásková (1821–1887).

Jirásek graduou-se em História pela Charles University, na cidade

de Praga, no ano de 1874, e estabeleceu-se na cidade de Litomyšl, onde passou a lecionar. Na mesma cidade, Alois conheceu Marie Podhajská, com quem se casou em 1879, e teve oito filhos. No ano de 1888, o casal mudou-se para Praga, onde o escritor permaneceria até sua morte, em 1930. Nessa cidade, o autor teve contato com diversos nomes importantes do meio artístico e literário de sua época. Em 1908, o escritor foi eleito membro da Academia Tcheca de Artes e Ciências e, no ano seguinte, aposentou-se, abandonando o trabalho como professor para dedicar-se exclusivamente à escrita. Em 1918, Jirásek participou da leitura da declaração de independência da Tchecoslováquia. No ano de 1919, a Charles University concedeu a Jirásek o título de PhD honorário. Em 1920, o escritor tornou-se senador, pelo Partido Nacional Democrata da Tchecoslováquia, cargo que ocuparia até o ano de 1925. Considerado um dos maiores autores tchecos, Jirásek foi indicado ao Prêmio Nobel de Literatura nos anos de 1918, 1919, 1921 e 1930. No dia 12 de março de 1930, Alois Jirásek faleceu em Praga.

Um dos elementos mais importantes da obra de Alois Jirásek é o uso de componentes históricos. Seus contos, romances e peças teatrais estão repletos de acontecimentos reais de sua época. Um exemplo do uso de fatos históricos na obra do autor podemos encontrar no conto “O tesouro do abade”.

A Boêmia do século XV, atual República Tcheca, é o território das disputas entre católicos e hussitas, seguidores de Jan Huss, considerado um dos precursores do protestantismo. Jan Huss foi condenado à fogueira por suas críticas à riqueza da Igreja Católica e à venda de indulgências, antecipando as críticas que seriam feitas por Lutero e Calvino no século seguinte. A execução de Huss deu origem a uma série de conflitos que ficariam conhecidos como as Guerras Hussitas. Em meio ao caos, os monges da cidade de Hradec lutam para que o seu tesouro, que mantêm escondido na abadia, permaneça a salvo. “O tesouro do abade” revela todo o esforço dos monges durante séculos e que, mesmo sob tortura, não revelam a localização de sua imensa fortuna. É o triunfo da tradição.

Além dos elementos de ficção científica, a prosa de Čapek está repleta de humor e temas relacionados à sociedade tcheca de sua

época. “O crime na agência do correio”, dos quatro contos que fazem parte desta antologia é o único que não apresenta elementos sobrenaturais. O conto é o relato de um policial a partir do questionamento de como a justiça pode ser falha. Ao longo da narrativa, o sargento Breicha revela aos companheiros de mesa (e aos leitores) a maneira como ele solucionou um crime aparentemente sem solução, agindo como investigador e juiz. O maior mistério de “O crime na agência do correio” é descobrir se o policial, que se considera mais justo do que a própria lei, desejava apenas justiça ou se a sua maior motivação era vingança.

Mais interessante do que o mistério que perpassa as quatro histórias que compõem a antologia são as múltiplas leituras que cada obra nos possibilita. Para os apreciadores de literatura fantástica, temos quatro mistérios. Para os leitores mais céticos, temos quatro histórias muito ilustrativas da sociedade e da época na qual cada uma dessas quatro vozes está inserida.

Fernanda Mellvee



Karel Čapek

**O crime
na agência do correio**

“Sim, a justiça”, disse o sargento de polícia Breicha. “Eu não sei por que eles sempre representam a justiça como uma garota com um pano sobre os olhos e a balança. Como se ela estivesse vendendo temperos ou legumes.”

O sargento Breicha estava de folga. Ele havia se juntado a alguns de seus amigos para tomar uma cerveja em um pub local. Ele continuou: “Acho que a justiça deveria se parecer com um policial. Você não acreditaria na quantidade de justiça que os policiais fazem — sem tribunais, advogados, garotas com balanças ou qualquer coisa desse tipo. Em nove casos de dez, chutamos a bunda de alguém e assim é feita a justiça. E sem a maldita papelada! E deixe-me dizer-lhe que, há apenas um ano, eu condenei duas pessoas por assassinato e dei-lhes o castigo adequado. Querem ouvir sobre isso?”

A mesa zuniu como aprovação, de modo que o sargento tomou um grande gole de cerveja e começou: “Vocês lembram de que uma jovem costumava trabalhar em nosso correio? Ela era muito bonita e muito simpática. Seu nome era Helena. Bem, ela estava nos correios fazia apenas um ano, quando, no verão passado, ela entrou no lago e se afogou. Nós descobrimos o corpo dela dois dias depois”.

Após alguns segundos, o sargento continuou: “Sim, e vocês sabem por que ela fez isso? Porque, no dia em que ela se matou, um auditor veio de Praga para realizar uma auditoria-surpresa. Ele descobriu que em sua caixa registradora estavam faltando duzentas coroas. Duas miseráveis cem coroas! Aquele idiota lhe disse que teria que denunciá-la e que ela estaria sob investigação por peculato. Então, a senhorita Helena se matou por vergonha”.

“Quando arrastamos seu corpo para fora do lago, com certeza, não era uma visão bonita. Mas eu continuo lembrando seu sorriso agradável no correio. Eu ainda lembro — todos a amavam. Droga! Eu disse para mim mesmo que não tinha como ela roubar aquelas duzentas coroas. Ela não precisava do dinheiro. O pai dela é um homem muito bom — ele é dono de fábricas em outra cidade. Ela realmente nem precisava trabalhar, mas ela queria ser dona da

própria vida. Eu conheci o pai dela. Ele e toda a família são protestantes rigorosos e essas pessoas não roubam.”

“De alguma forma eu sabia que alguém deve ter roubado o dinheiro. De pé, à margem do lago, naquele dia, pela pobre menina morta, jurei que descobriria o que realmente aconteceu.”

“Tudo certo, então um novo funcionário dos correios foi enviado temporariamente de Praga para a nossa cidade. Seu nome era Filipek, ele era um sujeito muito capaz e amigável. Eu comecei a conhecê-lo jogando boliche.”

“De qualquer forma, continuei indo à agência do correio para descobrir mais. Você sabe como são os pequenos correios — há um balcão com uma parede de vidro que separa o balcão de uma escrivaninha, onde fica o funcionário. É claro que a parede de vidro tem uma abertura logo acima do balcão, para que correspondências e dinheiro possam passar. A mesa do atendente tem gavetas com selos e dinheiro. Atrás do funcionário, há prateleiras e balanças para pesar as encomendas. Uma vez, eu disse a Filipek: ‘Senhor Filipek, por favor, verifique quanto um telegrama para Buenos Aires me custaria’.

‘Isso custaria três coroas por palavra’, disse ele.

‘Bem’, eu disse. ‘E um telegrama para Hong Kong?’

‘Isso eu vou ter que procurar’, ele respondeu e virou-se para as prateleiras às suas costas. Enquanto ele procurava em uma tabela de valores, de costas para mim, eu me inclinei sobre o balcão e, espremendo meu braço e meu ombro através da abertura no vidro, consegui abrir uma gaveta na mesa. Tudo sem fazer qualquer ruído.

“Agradei a Filipek e disse a ele: ‘Acho que foi o que aconteceu com a senhorita Helena, ela estava procurando algo nas prateleiras ou pesando um pacote e, enquanto isso, alguém pegava o dinheiro de sua mesa. Agora, senhor Filipek, preciso ver quem enviou um telegrama ou um pacote daqui recentemente’.”

Ele coçou a cabeça e disse: ‘Eu não posso fazer isso, Sargento. Você sabe que isso é informação confidencial. A menos que você traga um mandado de busca...’”

“Não, eu não quero ir até lá agora”, eu disse. “Pelo menos ainda não. Que tal isso: Digamos que você se entedie um pouco e verifique quem enviou algo incomum daqui. Algo que teria feito a

senhorita Helena virar as costas sobre a mesa.”

“Eu não acredito que isso vá funcionar”, respondeu ele. “Sim, posso encontrar cópias dos telegramas, mas quando se trata de cartas e encomendas registadas, apenas guardamos os endereços dos destinatários e não os remetentes. Você sabe que eu realmente não deveria fazer isso, mas farei isso por você. Mas aposto que você não vai conseguir coisa alguma.”

“No dia seguinte, ele me trouxe uma lista com apenas trinta nomes — uma agência de correios de uma cidade pequena não tem muito movimento — principalmente pacotes de meninas locais para seus namorados no exército. Filipek estava certo: eu simplesmente não consegui nada de útil na lista. Durante dias e noites, eu temia por não conseguir manter minha promessa à menina morta e isso me incomodava muito.”

“Cerca de uma semana depois, precisei ir à agência dos correios novamente. ‘Adivinhe, sargento’, Filipek me cumprimentou. ‘Não vou mais jogar boliche por aqui. Eu estou voltando para Praga. Este trabalho foi apenas temporário, você sabe. E, a propósito’, ele acrescentou, ‘uma jovem senhora virá de Pardubice para me substituir’.

‘Ah!’, eu disse. ‘Ela deve ter feito algo muito ruim para acabar nesta cidade abandonada por Deus!’

‘Não’, disse Filipek, calmamente. ‘Ela realmente solicitou a transferência.’

‘Que estranho’, eu disse.

‘É’, concordou Filipek. ‘Mas tudo fica ainda mais estranho. A auditoria-surpresa que fez Helena se matar naquele dia foi por causa de uma carta anônima de Pardubice.’

“Eu assobieei, e, por um tempo, Filipek e eu nos encaramos. Então, de repente, o sr. Uher, que entregou a correspondência e entrou enquanto conversávamos, disse: ‘Pardubice? Sim, eu colete cartas para aquela cidade todos os dias. São cartas de um senhor Houdek. Ele é um gerente assistente aqui no condado. As cartas são para sua namorada em Pardubice.

‘Escute, senhor Uher’, me virei para o carteiro. ‘Qual é o nome dela?’

‘É Julie ... Julie Touf ... algo assim’, o carteiro tentou lembrar-se.

‘Julie Taufer’ exclamou Filipek. ‘Ela é minha substituta!’

‘É ela’, disse o carteiro. ‘Senhor Houdek recebe cartas dela todos os dias. Eu tenho uma caixa para ele hoje de Praga. Este é um pacote devolvido — endereço desconhecido. Acho que o endereço está errado. Eu vou levar o pacote para ele agora.’

‘Espere, Filipek’ ele disse ao carteiro. ‘Deixe-me ver.’ Ele pegou a caixa e a observou. ‘É endereçada a um senhor Novak na rua Spalena, em Praga. Diz que contém quatro quilos de manteiga da propriedade em que o senhor Houdek trabalha. O selo é datado de 14 de julho. De quando a senhorita Helena ainda trabalhava aqui. Tudo bem, senhor Uher, vou ficar com isso e você voltará ao trabalho.’

“Após o carteiro ir embora, eu disse a Filipek: ‘Não há manteiga no embrulho. Manteiga teria um cheiro horrível com esse calor.’

‘Muito bem’, disse Filipek. ‘Só há uma maneira de descobrir.’ Ele enfiou a mão em uma de suas gavetas, pegou um cinzel e entregou-o para mim. ‘Agora olhe, sargento’ — disse ele com um sorriso conspiratório. ‘Acho que vou fazer um intervalo de cinco minutos para fumar lá fora’, ele piscou e saiu da agência, trancando a porta.

“Eu abri o caixote com o cinzel e encontrei quatro quilos de lixo nele. Quando Filipek voltou, jurei-lhe segredo. ‘Eu vou cuidar disso’, eu assegurei a ele.

Fui direto ao condado e perguntei pelo senhor Houdek. Eu o encontrei do lado de fora, sentado em uma pilha de toras.

‘Senhor Houdek’, eu falei com ele. ‘Houve uma confusão no correio. Você se lembra do endereço para onde você enviou um pacote de manteiga há dez dias?’

“Houdek ficou um pouco pálido, disse que não se lembrava e que isso não importava.

‘Sei’, eu disse. “‘Que tipo de manteiga havia nela?’

“Dessa vez, Houdek deu um salto e gritou: ‘O que é isso? Por que você está me atormentando?’

‘Eu vou lhe dizer por quê, senhor Houdek’, eu disse calmamente. ‘Porque foi você quem matou a senhorita Helena. Você levou esse pacote aos correios. Você não conhecia ninguém com um endereço em Praga, então você inventou um. Enquanto a srta. Helena estava pesando o pacote, você chegou pela janela e tirou duzentas coroas

da gaveta. Por causa daquelas duzentas coroas, a senhorita Helena se afogou. É por isso!’

“O homem começou a tremer. ‘Isso é mentira!’, ele gritou. ‘Por que eu roubaria duzentas coroas?’

‘Isso é muito simples, senhor Houdek’, eu disse. ‘Porque você planejou conseguir para sua noiva, a Srta. Taufer, de Pardubice, um trabalho no correio de nossa cidade. Ela enviou a carta anônima ao inspetor geral do correio para que fosse realizada uma auditoria-surpresa, e você roubou o dinheiro da agência. Vocês dois a mataram. Você tem um crime em sua consciência, senhor Houdek.’

Houdek caiu sobre a pilha de toras e cobriu o rosto com as mãos. Eu nunca vi um homem chorar como ele. ‘Jesus Cristo’, ele lamentou. ‘Não tínhamos ideia de que ela se mataria! Achamos que ela seria demitida e voltaria para casa. Ela não precisava do dinheiro e estaria bem. Eu só queria me casar com a Julia, mas um de nós teria que desistir do nosso trabalho. Então não teríamos dinheiro suficiente para fazê-lo. Nós nos amamos muito! Só queríamos ficar juntos! Nós temos esperado por isso nos últimos cinco anos...’

O sargento Breicha serviu mais um copo de de cerveja e continuou: “Anoiteceu, o homem ainda se ajoelhou diante de mim e chorou. Eu admito, eu chorei também. Sim, eu chorei como uma velha prostituta com ele. Chorei pela srta. Helena e por todo esse mundo de merda”.

“No final, eu disse: ‘Basta! Levante-se!’

“Ele se levantou, talvez esperando que eu o prendesse. Em vez disso, eu disse a ele: ‘Primeiro, dê-me duzentas coroas. Eu vou fazer com que isso seja devolvido. E não tenha ideias! Se você tentar conversar com sua namorada e de alguma forma tentar consertar isso, eu juro que vou prendê-los por roubo. Se você se matar, vou dizer a todos o que você fez. É tudo ou nada.’

“Eu estou dizendo a vocês, amigos, naquela noite — a noite toda — eu me sentei sob as estrelas, para julgar os dois. Eu perguntei a Deus como eu deveria puni-los, e senti toda a amargura e alegria da justiça. Se eu prendesse Houdek, ele teria uma pena muito leve. Se o tribunal o condenasse, é claro. Ele matou a garota — isso não era

um roubo comum. Qualquer punição de acordo com a lei parecia muito pouco.

“É por isso que eu mesmo decidi o castigo.

“De manhã, fui ao correio com o meu uniforme. Uma jovem pálida e alta, de olhos penetrantes, estava sentada atrás do balcão.

‘Miss Taufer?’, perguntei. ‘Eu tenho uma carta registrada’, eu disse a ela e lhe entreguei a carta. Era dirigida ao inspetor geral do correio.

Ela me olhou e colou um selo na carta.”

‘Espere’, eu disse. ‘Esta carta contém um relatório oficial sobre a pessoa que realmente roubou as duzentas coroas neste correio.’

Havia uma força incrível nessa mulher, mas, ainda assim, ela congelou.

Coloquei duzentas notas bancárias no balcão. ‘E se alguém encontrasse essas duas centenas de coroas desaparecidas? Como se alguém as tivesse guardado em algum lugar errado, você entende? Então eu poderia levar esta carta de volta.’

Houve silêncio. Ela olhava apenas para a sua frente, morta, como se aquele instante durasse uma eternidade.

‘Olhe, senhorita’, eu disse, finalmente. “O carteiro voltará daqui a cinco minutos. Você quer que eu leve a carta de volta ou não?”

Ela concordou e pegou as notas das duzentas coroas. Saí e esperei do lado de fora. O carteiro apareceu em poucos minutos. Nós nos cumprimentamos; fingi estar indo embora e o carteiro entrou no correio. Fazia um minuto que ele havia entrado, quando ele correu para fora e gritou: ‘Sargento! Sargento! Espere! A nova funcionária encontrou aquelas duzentas coroas. A senhorita Helena deve ter perdido o dinheiro. Foi apenas um acidente!’

“Excelente, senhor Uher’, eu disse a ele. ‘Agora faça algo por mim, vai? Diga a todos o que você acabou de me dizer. Então, todo mundo saberá que a senhorita Helena não era uma ladra!’

“Em seguida, fui ver o conde em sua propriedade. Você provavelmente não conhece o homem, ele é um pouco maluco, mas uma pessoa muito honesta. Eu disse a ele: ‘Conde, preciso que o senhor me faça um favor. Mas não me faça nenhuma pergunta sobre isso, por favor, não posso lhe dizer. É apenas algo que precisa ser feito e algo do qual precisamos estar do mesmo lado’.

‘Vá em frente’, disse o conde.

‘Chame o senhor Houdek e o avise de que ele deve partir imediatamente para a sua propriedade na Morávia. Se ele se recusar, diga que ele está demitido’, eu disse.

“O velho conde levantou as sobrancelhas e ponderou sobre o pedido por um tempo. Então, ele concordou e Houdek foi chamado.

Quando Houdek chegou e me viu com o conde, ficou pálido e rígido como uma vela.

‘Escute, Houdek’, disse o conde. ‘Pegue uma carruagem. Ela irá levá-lo à estação de trem. Hoje você começa a trabalhar na minha propriedade na Morávia. Vou enviar-lhes um telegrama, então eles irão esperar por você lá. Está claro?’

‘Sim, senhor’, respondeu Houdek baixinho e olhou para mim com os olhos de quem foi condenado ao inferno.

‘Você tem alguma objeção?’, o conde perguntou a ele.

‘Não, senhor’, disse Houdek com uma voz quebrada, com os olhos fixos em mim. Aqueles olhos dele me deram calafrios.

‘Isso é tudo.’ O conde o dispensou.

“Em pouco tempo, vi Houdek sendo levado para a estação de trem. Ele sentou na carruagem como um boneco de madeira.

“Então é isso.” O sargento Breicha terminou sua história. “Mais uma coisa”, acrescentou.

“Quando você for ao nosso correio, observe uma mulher pálida no balcão. Ela é seca com todo mundo. Seu rosto está ficando enrugado, como rugas de uma mulher idosa. Eu não sei se ela já reencontrou o noivo. Talvez ela vá para Morávia para encontrá-lo. Se isso acontece, ela volta ainda mais seca e amargurada. E toda vez que eu olho para ela, eu digo para mim mesmo: ‘A justiça foi feita, afinal de contas’.



Jan Neruda

Como arruinar um mendigo

O sr. Vojtisek era um mendigo. Ninguém sabe o que ele fez antes, mas todo mundo na cidade ainda se lembra de seu rosto gentil e de seus olhos azuis, honestos e brilhantes. Eu também lembro, eu ainda era um menino quando o conheci. Fiquei especialmente impressionado com sua barba branca e a juba de cabelos prateados voando em torno da cabeça. Uma das poucas coisas que eu sabia sobre ele era que só se barbeava aos domingos e sempre carregava o chapéu na mão, raramente o colocando. Ele era saudável como um cavalo.

Um dia, eu o vi subir a Colina de São João, em direção à rua Ostruhova. Ele se aproximou do policial Schimmer, que estava ali, encostado em uma grade, aproveitando o sol. O policial era gordo; seu uniforme cinza parecia que explodiria a qualquer momento, e quando ele perseguia alguém na rua, ele precisava segurar o capacete. Nós, crianças, costumávamos rir dele, mas bastava um olhar e nos comportávamos imediatamente. O oficial Schimmer era alemão de Sluknov e nunca dominou a língua tcheca. Se ele ainda estiver vivo — e creio em Deus que sim —, aposto que ele ainda fala tcheco tão mal quanto naquela época.

Então, o sr. Vojtisek, o mendigo, foi direto ao oficial Schimmer. Os dois homens se cumprimentaram, e o sr. Vojtisek enfiou a mão no bolso do casaco, tirou um frasco de tabaco e deu uma tragada ao oficial que bocejava. O policial Schimmer tragou e começaram a conversar.

Como eu era um garoto curioso, me aproximei e ouvi o policial dizer ao mendigo: “Escute, você também deve subir até lá. Quantos anos você tem?”

“São oitenta anos desde que meu pai e minha mãe me trouxeram a este mundo”, o sr. Vojtisek riu. “Eu suponho para o prazer deles.”

Você pode se perguntar por que um policial e um mendigo seriam tão amigáveis um com o outro. Um policial era alguém muito importante em nossa rua.

No entanto, o sr. Vojtisek não era um mendigo comum. Ao contrário de muitos outros mendigos, ele mantinha uma aparência limpa. Embora houvesse remendos em suas roupas, eles eram

quase imperceptíveis.

Em uma semana, ele iria implorar por toda a pequena cidade.

O sr. Vojtisek era bem-vindo em todos os lugares. Quando uma dona de casa ouvia sua voz suave do lado de fora, ela, alegremente, lhe dava uma moeda. Ele pedia durante a manhã até o meio-dia. Então ele iria para a missa em São Nicolau. Ele nunca pediu na igreja ou ignorava os mendigos sentados nos degraus da escadaria.

Depois da missa, ele ia almoçar num lugar onde pegava uma panela cheia de sobras de almoço. Havia algo de tranquilo e pacífico em tudo o que o sr. Vojtisek fazia.

Apenas o sr. Herzl, o estalajadeiro, nunca lhe dava dinheiro. Em vez disso, o estalajadeiro dava-lhe um pouco de tabaco. Isso era aos sábados, quando eles sempre tinham a mesma conversa: “Ah, senhor Vojtisek, esses são tempos difíceis!”, o hospedeiro dizia. Ao que o sr. Vojtisek sempre respondia: “Sim, eles são, são, mas nunca vão melhorar”. De fato, os tempos não melhorariam. Certamente não para o sr. Vojtisek.

Um belo dia de julho, o sr. Vojtisek deixou a igreja de São Nicolau, pôs o chapéu para se proteger do sol forte e atravessou a praça de Santo Estêvão. Ele parou diante da estátua da Santíssima Trindade e, sentindo-se cansado, sentou-se num degrau de pedra. A água na fonte jorrava atrás dele, o sol brilhava e o mundo parecia agradável. O sr. Vojtisek estava lentamente adormecendo, quando uma mendiga o enxergou de um dos degraus de São Nicolau. Ela era conhecida como “A Bruxa dos Milhões”. Enquanto outros mendigos diziam aos seus benfeitores que o Senhor pagaria sua bondade milhares de vezes, ela dizia milhões e milhões de vezes. A Bruxa dos Milhões caminhou na direção do sr. Vojtisek. Sua saia de lona, suja, pendia em torno de suas pernas magras, e uma touca azul cobria sua testa. Ela tinha um rosto feio, cheio de rugas estreitas que convergiam para o nariz e a boca. Seus olhos eram amarelo-esverdeados como os de um gato.

A Bruxa dos Milhões então parou diante do quase adormecido sr. Vojtisek. “Louvado seja o Senhor!”, ela lhe disse em voz alta.

Quando ele permitiu, ela sentou no degrau ao lado dele e espirrou. “Eu não gosto de todo esse sol”, disse ela. “Isso me faz

espirrar.”

O sr. Vojtisek não disse nada.

A Bruxa dos Milhões tirou o chapéu. Seus olhos piscaram ao sol e, quando abriu a boca, revelou um dente superior, todo preto.

“Senhor Vojtisek”, ela recomeçou...

Sem dizer nada, o sr. Vojtisek olhou para a boca dela.

“Por que você está me olhando assim?”, ela perguntou.

“É só ... esse dente”, ele finalmente disse. “Eu me perguntava por que você tinha apenas um dente.”

“Ah, é isso”, ela suspirou. “Você sabe o que é perder um dente. É como perder um bom amigo. Os amigos que me deixaram estão agora deitados em seus túmulos. Ah, meu Deus, estou tão sozinha!”

O sr. Vojtisek olhou para a frente e ficou em silêncio.

Algo como um sorriso surgiu no rosto dela, um sorriso desagradável que transformou seu rosto em uma careta.

“Senhor Vojtisek”, disse ela. “Senhor Vojtisek, nós dois poderíamos ser felizes juntos! Eu sonhei com isso um dia desses e acho que é a vontade de Deus. Você é solitário também. Mas você conhece muitas pessoas boas. As pessoas gostam de você... Você vê, eu poderia morar com você. Eu tenho alguns cobertores...”

O sr. Vojtisek começou a se levantar e, quando ficou de pé, colocou o chapéu de volta. “Eu prefiro tomar veneno!”, ele murmurou e se virou.

A Bruxa dos Milhões assistiu ao homem lhe virar as costas, seus olhos de gato se apertaram.

Logo, rumores estranhos começaram a circular pela cidade. Agora as pessoas diziam: “Esse Vojtisek! Quem poderia saber?”

Eu mesmo ouvi que o sr. Vojtisek não era pobre. Ele supostamente possuía duas casas próximo ao rio e enganou o povo da cidade. E por muito tempo!

Os homens estavam com raiva por terem sido enganados tão facilmente.

“Canalha!”, um dos homens disse.

“Isso é verdade”, outro continuou. “Já o viram mendigar aos domingos? Ele devia estar em uma de suas mansões, comendo pato assado e rindo de nós.”

As mulheres da cidade hesitaram. O rosto do sr. Vojtisek parecia

muito honesto para elas.

Então, um novo rumor surgiu — alegou-se que o sr. Vojtisek tinha duas filhas que ele estava tentando introduzir na alta sociedade. Uma delas iria se casar com um oficial do exército e a outra queria se tornar uma atriz de teatro. As moças, supostamente, não faziam nada, só usavam vestidos caros, viajavam e iam a bailes o tempo todo.

Isso colocou as mulheres contra o sr. Vojtisek.

Em menos de vinte e quatro horas, o destino do sr. Vojtisek foi selado. Ele era expulso de qualquer lugar que fosse. Os tempos são difíceis, ele continuou ouvindo mais e mais. Ninguém lhe dava mais dinheiro, e aqueles que um dia o alimentaram diziam a ele que não havia mais comida. As crianças da cidade saltavam ao seu redor gritando: “Homem rico! Homem rico! Lá vai o homem rico!”

Um domingo, fiquei em frente à nossa casa. Eu vi o sr. Herzl, o estalajadeiro, que estava descansando do lado de fora da pousada do outro lado da rua, encostado em um portal de pedra. Então, de repente, vi o sr. Vojtisek subindo a rua íngreme. Ele caminhava em direção ao sr. Herzl.

Por algum medo irracional, ou talvez por embaraço, entrei em casa e me escondi atrás da porta. Eu observei o sr. Vojtisek por aqui, através de um olho mágico. O chapéu na mão do mendigo tremia violentamente. Vojtisek não sorriu, e seu rosto pálido não mais irradiava serenidade.

“O senhor seja louvado!”, ele cumprimentou o estalajadeiro.

“Estou feliz por ver você!”, respondeu o sr. Herzl. “Ouça, senhor Vojtisek, quero pedir-lhe um empréstimo. Você poderia me emprestar vinte mil? Eu poderia comprar a casa ao lado. O empréstimo é seguro, garantido pela hipoteca...”

Lágrimas explodiram nos olhos do mendigo e rolaram pelo seu rosto. “Mas por que?”, ele gritou. “Por quê? Por quê você está fazendo isto comigo? Eu sempre fui honesto. Toda a minha vida...”, ele não conseguiu terminar. O senhor Vojtisek cambaleou até a rua e desabou próximo a uma parede. Com a cabeça sobre os joelhos, ele soluçava.

Eu corri para o quarto dos meus pais, tremendo todo.

Minha mãe estava na janela, olhando para a rua. “O que o senhor

Herzl disse a ele?”, ela perguntou. Eu contei tudo a ela. Ela se inclinou para fora da janela, sacudindo a cabeça. Então, minha mãe cortou uma fatia grossa de pão, pegou uma xícara de café e saiu apressada.

Quando ela viu o sr. Vojtisek se levantar e caminhar em direção à estrada do Castelo de Praga, ela gritou, mas ele não reagiu. Então, minha mãe correu atrás dele e ofereceu-lhe a comida.

O sr. Vojtisek olhou para ela, com lágrimas ainda nos olhos. “Deus te abençoe”, ele sussurrou em uma voz cansada. “Mas eu não consigo comer agora.”

O sr. Vojtisek nunca mais mendigou na cidade. Ele cruzou a ponte Charles através do rio. Mas como ninguém o conhecia lá, ele não podia mais ir de casa em casa e conversar com os moradores. Ele se estabeleceu na Praça dos Cavaleiros da Cruz, na Cidade Velha.

Eu costumava ir para a Cidade Velha do outro lado do rio na minha folga das tardes de quinta-feira. Eu sempre o via sentado nos degraus da estátua de um rei, com o chapéu na frente dele. Ele estava segurando um rosário no peito e não prestava atenção nas pessoas. Seu rosto estava amarelado e encolhido em um feixe de rugas. Uma vez, eu me esgueirei atrás dele, para que ele não me visse, e joguei uma moeda em seu chapéu. Uma outra vez, eu o vi sendo conduzido por um policial pela ponte Charles de volta à nossa cidade. E, desde então, nunca mais o vi.

Era uma manhã de inverno em fevereiro, o mês mais frio de Praga. Ainda estava escuro, e todas as janelas da rua estavam cobertas com camadas de gelo, refletindo um brilho alaranjado dos fogões das casas do outro lado. De repente, um carrinho saiu do lado de fora. Cães latiram.

“Vá e pegue dois litros de leite”, minha mãe ordenou. “E agasalhe-se!”

Lá fora estava a senhora leiteira com seu carrinho de entrega de leite. Ela estava conversando com um policial.

“O quê! O senhor Vojtisek?!”, ela exclamou.

“Sim, ele”, disse o oficial. “Nós o encontramos depois da meia-noite em Ujezd, ao lado do Quartel de Artilharia. Ele congelou até a morte. Ele mal tinha roupas. Encontramos o casaco e o chapéu por

perto. Eu acho que ele simplesmente não queria mais viver.”



Otakar Batlička

O medo

Prólogo

Entre os anos entre 1879 e 1912, a demanda por borracha nos Estados Unidos e na Europa promoveu o apogeu do Ciclo da Borracha no Brasil. O látex, um líquido branco, era extraído de seringueiras, processado e vendido a preços altos. Os lucros foram incríveis. A borracha natural era então chamada de Ouro Branco. Empresas estrangeiras invadiram o Brasil, assim como milhares de europeus atraídos pelo sonho de riquezas rápidas. O progresso tecnológico veio com o preço da morte e do sofrimento humano. Índios da Amazônia foram forçados ao trabalho escravo: foram acorrentados, espancados e assassinados. Aldeias indígenas inteiras foram dizimadas. Milhares de colonos europeus morreram de febre amarela, malária e de ataques de animais mortais na Bacia Amazônica naqueles anos.

Havia três homens brancos sentados ao redor de uma fogueira na beira de uma selva brasileira. Todos os três pertenciam a uma empresa europeia de colheita de borracha natural na Bacia Amazônica. Os três homens eram Jaris, gerente de operações, o Dr. Sutter, um médico, e Swan, um capataz.

“Escute, Swan,” disse Jaris de modo severo. “Eu não aprovo a maneira como você trata os nativos. Ainda hoje, vi você bater em um dos indígenas. Essa não é a maneira de garantir a cooperação da tribo. Além disso, são pessoas, não gado.”

“Bem, senhor, precisamos que eles nos obedeçam,” Swan retrucou. “Além disso, não sou tão ruim assim. O senhor tem que ver como outras empresas lidam com os índios. Eles batem e atiram neles por esporte.”

O gerente Jaris olhou calmamente para o capataz e, voltando-se para o médico, disse: “Tudo bem, então. Doutor Sutter, mostre a ele”.

O médico levantou-se e caminhou em direção a sua tenda nas

proximidades. Ele estava de volta em um minuto, carregando uma pequena vara de madeira. Um dos lados do bastão estava enrolado em uma bola de algodão e o outro lado era pontudo.

“Agora, Swan, dê uma boa olhada nessa coisa que o dr. Sutter está segurando”, disse Jaris. “Isso é o dardo de uma zarabatana.”

Swan tentou tocar o objeto, mas o dr. Sutter o interrompeu: “Não, você não deve tocar nisso! Você vê a extremidade pontuda? Um arranhão e você morre”.

“Os índios atiram esses dardos com suas zarabatanas”, explicou Jaris. “E acredite em mim, eles são mestres nisso. Eles mergulham os dardos em veneno de sapo.”

“Aonde o senhor quer chegar?”, Swan perguntou nervoso.

“Aqui mesmo”, Jaris respondeu pacientemente. “O dardo veio do peito de um dos nossos chefes anteriores. O homem morreu. Como você pode ver, ele não era exatamente popular entre os nativos... Eu odiaria ver o médico Sutter puxar um desses do seu peito também.”

“Esses malditos índios não ousariam, não é?”, Swan questionou, com o medo reluzindo em seus olhos. “Eu acho que eles podem, mas só se tentarem de longe.”

“Eu acho que você entende agora”, Jarvis assentiu. “Muito bem.”

Na manhã seguinte, o trabalho na plantação continuou como de costume. Swan, o capataz, levou a advertência do seu patrão a sério e decidiu tratar os nativos com mais respeito. Não por vergonha de sua conduta anterior, apenas por causa do medo. Ele estava especialmente preocupado com o nativo que ele havia espancado no dia anterior, observando cada movimento do homem. A visão de um dardo envenenado não o deixaria.

No início da tarde, Jarvis ordenou a Swan que inspecionasse uma área de selva designada para mais desmatamento. O capataz deveria levar um trabalhador nativo junto com ele para auxiliá-lo. Swan escolheu o índio a quem mais temia — aquele que o gerente o viu atingir. ‘É melhor eu mantê-lo por perto e observá-lo’, ele pensou.

Lado a lado, os dois homens caminhavam por uma trilha na selva. O índio forte, muitas vezes, ficava para trás, mas o capataz continuava voltando e chamando-o para alcançá-lo.

O gerente de operações Jarvis e o dr. Sutter conversavam sobre o problema da febre amarela. Eles estavam novamente perdendo homens para a doença mortal.

De repente, um tiro ecoou pela selva. E então outro.

“Não me diga que Swan está disparando sua pistola novamente!”, exclamou dr. Sutter.

Outro tiro.

“Vamos descobrir”, disse Jarvis, e os dois homens começaram a correr em direção à selva.

Eles não estavam nem na metade do caminho, quando viram um nativo saltando da mata verde. Era o índio que acompanhava Swan. Ele gritou algo incompreensível e acenou com uma vara de bambu acima da cabeça. Quando ele viu Jarvis e o dr. Sutter, ele correu até eles.

“Senhor, o capataz, o capataz louco!”, ele falou em um português truncado. “Ele atirou, eu corri. Eu não fiz nada, por que ele quer me matar?”

Os dois homens brancos encararam o índio por alguns segundos.

“Mostre-me onde está o capataz!”, Jarvis ordenou ao índio em pânico e segurou a arma no coldre.

Eles não precisaram ir muito longe. Eles encontraram o capataz Swan em uma pequena clareira na floresta. Ele estava perto de um arbusto espinhoso seco, segurando o peito, a pistola automática estava caída perto dele.

“Ele atirou em mim!”, disse, ofegante, o capataz com esforço. “Pelas costas... o dardo envenenado ...” Então seu corpo ficou paralisado.

“Ele está morto”, anunciou o dr. Sutter.

“Bem, eu vou ver...”, Jarvis disse e parou. Ele virou o capataz morto e inspecionou suas costas — um espinho seco estava enfiado na fina camisa de seda do homem morto.

“Não há dardo, apenas um espinho”, Jarvis sacudia a cabeça em descrença.

“Acho que o espinho veio daquele arbusto”, o dr. Sutter apontou à sua frente e continuou: “Swan deve ter sentido a dor e pensado que era o dardo envenenado de uma zarabatana. Especialmente, quando ele viu a vara de bambu que o índio estava carregando,”

concluiu sua teoria.

“Ele não morreu por causa de um dardo envenenado”, disse Jarvis, boquiaberto. “Ele morreu de medo!”



Alois Jirásek

O tesouro do abade

“Entre!”, Disse o abade.

Um jovem clérigo da Ordem de São Bento entrou no cômodo austero do abade.

“Senhor abade”, ele se dirigiu ao seu superior: “Temos um visitante inesperado, provavelmente de origem nobre, e, com ele, dois cavaleiros. Ele foi direto para a igreja.”

“De onde ele vem?”, perguntou o abade.

“Da cidade de Hradec”, respondeu o monge.

“Ele disse alguma coisa?”

“Nada, senhor, assim como nenhum de seus homens.”

O abade refletiu brevemente e perguntou: “Como é a sua aparência?”

“Ele é um homem sério, de estatura mediana, possivelmente com mais de quarenta anos, de cabelos escuros e cavanhaque. Ele veste roupas escuras e caras, sem um único adereço.”

O abade pensou por um tempo. Depois, levantou-se da poltrona, atravessou um longo corredor e desceu os degraus até o claustro românico. O claustro era um jardim coberto, cercado por colunas de pedra.

O sol de agosto estava batendo na quadra, mas uma brisa refrescante ainda mantinha a área agradável. Tudo estava quieto entre os prédios antigos — os monges permaneciam em suas celas.

O abade se dirigiu até a igreja. Então, a porta se abriu e um estranho saiu da igreja. Seu rosto era largo e bronzeado, ele tinha cavanhaque escuro e a fronte lisa. Ele andava com os ombros encurvados.

Assim que agradeceu ao abade pelo acolhimento, ficou óbvio que o estranho não era um nobre qualquer.

O abade convidou o visitante para almoçar com ele no refeitório. Enquanto os dois homens caminhavam, o sino da igreja anunciava o meio-dia, a hora do descanso e do almoço.

Monges jovens e velhos já aguardavam no refeitório. No centro, havia uma longa mesa de carvalho com pratos de alumínio. Após a Oração do Meio-dia, o abade e seu convidado sentaram-se à

cabeceira da mesa em altos bancos esculpidos em madeira, seguidos por outros.

O convidado comentou sobre a beleza da abadia, especialmente elogiando a igreja e seu portal. Ele disse que a arte lembrava a arquitetura de Monte Cassino.

Quando o abade mencionou que os membros fundadores da abadia eram frades de Monte Cassino, o hóspede revelou que conhecia bem o mosteiro. Sua história que falava sobre o mosteiro e sobre Roma fez com que todos os que estavam ao seu redor esquecessem a comida.

Quanto mais o convidado falava, mais inquieto o abade se tornava. Quando ouviu que o imperador e sua corte haviam chegado à cidade de Hradec, ele suspeitou de que o hóspede pudesse ser alguém da corte. Uma outra coisa o deixou apreensivo — ele ouviu que o próprio imperador frequentemente desfrutava de visitas anônimas e que sempre ia primeiro à igreja. Sua maneira sofisticada de falar e seu conhecimento do mundo alimentaram a preocupação do abade.

Após a refeição, o hóspede guardou sua faca e lavou as mãos em uma tigela de prata. Finalmente, o abade, de maneira discreta, pediu-lhe para revelar seu nome. O convidado prometeu fazê-lo, mas apenas na igreja. E pediu também ao abade que dois dos clérigos mais antigos os acompanhassem. Com prazer, o abade levou o convidado para a igreja, usando um corredor particular que ligava o refeitório ao seu destino.

A igreja consistia em três naves divididas por colunas redondas que sustentavam uma abóbada, com um teto arqueado bem acima. Apenas alguns vitrais iluminavam a igreja, preenchendo seu espaço com uma misteriosa penumbra.

Todos os quatro homens se ajoelharam diante do altar. Depois de fazer uma breve oração, o estranho levantou-se e disse: “Senhor Abade, o senhor queria saber o meu nome. Saiba então que sou Carlos, o imperador do Sacro Império Romano e rei da Boêmia”.

O abade começou a pedir desculpas pela recepção modesta, mas o imperador ergueu a mão e disse: “Pelo contrário, senhor abade, raramente recebo uma recepção tão sincera”. O imperador

sorriu gentilmente e continuou: “Deixei a corte e todos os funcionários na cidade, sabia que ninguém me reconheceria aqui. Fiz isso para poder conversar livremente com o senhor. Senhor abade, estes dois monges são os mais confiáveis?” Ele apontou para os dois velhos monges que os acompanharam à igreja.

“De fato, eles são, Vossa Majestade”, respondeu o abade.

O imperador disse: “Veneráveis Padres, permitam-me explicar o propósito da minha visita. Ouvi dizer que um grande tesouro está escondido neste mosteiro. Se for assim, espero que vocês não escondam isso de mim. Eu prometo a vocês, neste lugar sagrado, não cobiçar nada do tesouro e manter isso em segredo. Eu só desejo ver o tesouro, nada mais e nada menos”.

O abade e seus dois clérigos ficaram em silêncio, surpresos com o pedido. Então, o abade implorou ao imperador que os deixasse em conselho sobre o assunto. Ele assentiu e os três monges saíram do alcance do ouvido do imperador. Depois de longos minutos, eles voltaram.

“Sua Majestade”, o abade falou: “O tesouro existe. Só o abade e dois dos seus monges mais próximos podem saber disso. Os outros cinquenta e cinco monges não sabem de sua existência. Sempre que um dos três é levado por Deus, outro monge é escolhido como um dos guardiões do tesouro.”

O abade continuou: “No entanto, Vossa Majestade, todos os três guardiões do tesouro estão sob uma obrigação estrita de sigilo e não estão autorizados a deixar ninguém saber sobre o tesouro, nem por palavras nem por meio de qualquer outra comunicação. Além disso, o acesso ao tesouro é muito difícil e impróprio para a Sua Dignidade”.

O imperador não era um homem que desistiria facilmente. Ele insistiu em ver o tesouro, afirmando que faria um juramento diante do altar para não revelar nada a ninguém sobre o segredo.

Os monges tiveram outro conselho e anunciaram sua decisão ao imperador. A conversa foi difícil, mas foi decidida pelo argumento do abade de que não seria apropriado rejeitar o pedido direto do rei.

“Muito bem”, o abade anunciou ao imperador. “Vossa Majestade tem uma escolha. Ou contamos o seu paradeiro e não mostramos o

tesouro, ou mostramos o tesouro, mas não revelamos a localização.”

O imperador escolheu ver o tesouro.

“Nesse caso, vou respeitar a decisão de Vossa Majestade”, disse o abade. “No entanto, devo pedir-lhe que siga nossas instruções.”

O imperador concordou. Eles o levaram para a sacristia, uma sala onde receptáculos sagrados e vestimentas eram mantidos, e de lá eles desceram a um porão úmido pavimentado por tijolos. Um dos monges acendeu duas velas de cera. Assim que as velas reluziram na escuridão, um dos monges aproximou-se do imperador e puxou um capuz grosso sobre a sua cabeça.

O imperador não podia ver nada, só ouvir o barulho de tijolos sendo retirados do chão do porão. Eles o guiaram a uma abertura no chão e insistiram que fosse cuidadoso ao descer pela escada. O abade desceu primeiro, seguido pelo imperador e pelos dois monges.

Eles desceram pela escada por um longo caminho. Tão logo alcançaram o chão, eles viraram o imperador várias vezes e o levaram em direções diferentes para frente e para trás. Então, eles seguiram por um longo e escuro túnel, seus passos ecoando pelo local. O imperador respirava o ar úmido, e a viagem parecia a ele interminável.

De repente, eles pararam e, depois de um tempo, um dos monges removeu o capuz da cabeça do imperador. O brilho escasso das velas revelou uma câmara cheia de baús de metal. O abade abriu um baú após o outro e enormes pilhas de prata brilharam dentro deles.

A outra câmara revelou um tesouro de ouro puro. O imperador já havia ficado impressionado com o que tinha visto até o momento; entanto, quando adentrou a terceira câmara, ele ficou sem palavras.

Ele estava olhando para o maior tesouro que já havia visto — vasta quantidade de ouro, pedras preciosas e pérolas transformadas em belas artes — crucifixos, correntes e cálices. Tudo ganhou vida com o brilho de ouro, e as pedras preciosas reluziram um arco-íris à luz de velas.

Enquanto o imperador admirava a beleza sobrenatural e a

riqueza do tesouro, o abade lhe disse: “Majestade, este tesouro será guardado por nós e por aqueles que vierem depois de nós. Por favor, escolha qualquer coisa que deseje como uma lembrança de tudo isso”.

O imperador recusou o presente, mas o abade entregou-lhe um anel de ouro com um grande diamante branco. O imperador aceitou o presente com gratidão.

Eles então recolocaram o capuz na cabeça do imperador e o conduziram à saída. Depois de algum tempo, subiram a longa escada e emergiram no porão debaixo da sacristia. Após os monges recolocarem os tijolos no chão, eles apagaram as velas, tiraram o capuz da cabeça do imperador e o levaram até a sacristia, em seguida, entraram na igreja.

Novamente, todos os quatro homens se ajoelharam e rezaram diante do altar. Após a oração, o imperador levantou-se e assim falou aos monges: “Veneráveis padres, agradeço-lhes o seu favor. Seria permitido que eu mencionasse aos meus amigos mais próximos que vi um tesouro no meu reino? Naturalmente, nunca revelarei onde o fiz”. Os monges concordaram. O imperador disse: “Eu irei apreciar o seu presente pelo resto dos meus dias”,

Quando voltaram da igreja, era a hora das Vésperas, ao fim da tarde. O imperador se despediu de seus anfitriões, montou em seu cavalo e, seguido por seus dois cavaleiros, percorreu os campos ao longo do rio Elba até a cidade de Hradec.

Ao retornar à corte, o imperador encontrou muitos curiosos sobre sua viagem. Tão logo souberam de sua visita ao mosteiro, perguntaram o que ele havia feito no local. O camareiro do imperador só disse a eles: “Sua Majestade almoçou com o abade. Então, o abade e dois velhos monges o acompanharam até a igreja e eles rezaram lá por um longo tempo”.

O imperador manteve sua palavra. Ele nunca revelou o segredo a ele confiado, e antes de sua morte, ele ordenou que fosse enterrado com o anel do abade.

Passaram-se anos, e o imperador Carlos foi sucedido por seu filho Wenceslau IV como o Rei da Boêmia. Tempos ruins se aproximavam – em breve, as guerras religiosas mergulhariam o país

no caos e na devastação.

Na véspera do Dia de Todos os Santos, em novembro de 1415, três visitantes inesperados bateram às portas da Abadia. O outono já havia mudado o campo; anoitecia cedo e um vento gélido uivava ao longo dos prados marrons e nas árvores nuas ao longo do rio Elba.

Lorde Mestecky, da cidade de Opocno, liderava um grupo de três cavaleiros. Ele foi recebido pelo próprio abade Lazur. Lord Mestecky explicou ao abade que ele e seus dois companheiros haviam cavalgado tentando alcançar a cidade de Hradec, mas que o tempo havia tornado a tentativa impossível. Os cavaleiros e seus cavalos estavam cansados e com frio, e precisavam desesperadamente passar a noite no mosteiro, descansando.

O abade Peter Lazur, um velho e gentil sacerdote, não apenas ofereceu ao cavaleiro sua hospitalidade, mas também ordenou que os dois cavaleiros e seus cavalos também a recebessem.

Lorde Mestecky estava sentado na companhia do abade e de seus monges no refeitório quente e aconchegante. Ele trouxera muitas notícias – sobre o padre Jan Hus, que foi queimado na fogueira como herege na cidade de Konstanz. Jan Hus queria reformar a Igreja Católica para que ela fosse guiada pela Bíblia, e não pelo Papa em Roma. Hus havia falado contra a riqueza secular e influência da igreja. A cidade de Praga havia apoiado a doutrina de Jan Hus, então o Papa puniu a cidade por um interdito – proibindo qualquer serviço religioso na cidade. Ele esperava que a cidade cumprisse sua autoridade. O plano falhou e uma nova fé emergiu.

Lord Mestecky criticou os cidadãos de Praga que se revoltaram contra a Igreja Católica. Ele também lançou duras palavras sobre o rei Wenceslau IV, que, em sua opinião, havia sido tolerante com a revolta.

Então, um outro novo hóspede entrou no refeitório: era o lorde Otto de Bergov. Disse que ele e seus cinco servos também precisavam se abrigar do tempo severo no mosteiro. Pareceu surpreso ao encontrar lorde Mestecky no local, mas mostrou-se ansioso por sua companhia a caminho da cidade de Hradec no dia

seguinte.

O abade estendeu sua hospitalidade ao novo hóspede.

Depois que os monges se dirigiram para suas celas, o abade e os dois nobres sentaram-se junto a um grande forno de barro, conversando. Uma tempestade fria assolou o lado de fora, sacudindo os caixilhos das janelas, mas a companhia foi mantida aquecida pelo fogão e pelo vinho. A conversa foi agradável. Ambos os nobres beberam bravamente vinho dourado e tinto até que seus rostos ficaram vermelhos e seus olhos brilharam.

De repente, o som agudo de uma corneta chegou aos ouvidos da companhia. Os dois nobres saltaram e agarraram o abade.

“Ouça com muito cuidado, abade” disse lorde Mestecky. “Este é o nosso aviso. Temos trinta soldados dentro do mosteiro agora. Você e todos os seus monges estão em nosso poder.”

O abade, chocado, mal conseguia falar. “O que você quer?”, Ele perguntou.

“O seu tesouro”, disse o Lorde Bergov. “Nós sabemos que você o tem escondido debaixo da terra. Diga-nos onde está e você não sofrerá nenhum dano.”

“Eu não sei nada sobre nenhum tesouro”, respondeu o abade.

Foram ouvidas vozes de homens e ruído de armas do lado de fora do refeitório.

“Esses são os nossos homens”, disse Lord Mestecky. “Não espere por nenhuma ajuda. Fale agora e salve sua vida!”

“Eu não devo!”, gritou o velho abade com a voz trêmula, porém firme.

“Então vamos torturá-lo e você morrerá,” retrucou o Senhor de Bergov.

“Se é a vontade de Deus, então que assim seja”, disse o abade. “Eu não posso e não vou lhe dizer.”

Lorde Bergov abriu a porta do refeitório e deu uma ordem. Em seguida, quatro homens armados invadiram a sala e tomaram o abade. Um sino da igreja badalou na noite escura de novembro. Um dos monges deu o alarme pedindo ajuda. Não por muito tempo, dois soldados irromperam na torre do sino, e um deles silenciou para sempre o corajoso monge com o golpe mortal de uma espada.

As luzes avermelhadas das tochas passavam pelos pátios, celas e corredores do mosteiro; os monges estavam fugindo de soldados saqueadores que matavam qualquer um que cruzasse o seu caminho. Apenas o abade permaneceu no mosteiro – torturado sem piedade, esticado sobre um cavalete, dentro de um porão. De tempos em tempos, lorde Mestecky e lorde de Bergov gritavam a ele: “Maldito seja, abade! Fala ou morre!”

O abade resistiu à tortura do cavalete, então, eles ordenaram que ele fosse lentamente queimado por tochas...

Um novo dia, nebuloso e cinzento, teve início. A abadia estava deserta e silenciosa.

Os aldeões que foram até o mosteiro encontraram alguns monges feridos e o abade moribundo. O mosteiro havia sido saqueado e danificado, mas o tesouro da abadia estava seguro, salvo pela dor e pela morte do abade. O abade Lazur morreu no dia seguinte.

Em 1420, Lord Mestecky voltou à abadia. Devido ao caos reinante na Boêmia naqueles anos, ele escapou da punição por seus crimes na abadia cinco anos antes. Ele estava a serviço do rei católico Sigismundo e chegou à abadia como seu protetor contra o exército dos hussitas que lutavam contra os católicos. Mesmo que ele quisesse procurar o tesouro escondido na abadia, ele não poderia. Seus deveres militares o mantiveram ocupado. Ele teve de liderar suas tropas em duas batalhas contra os hussitas, e, no final, ele não teve outra escolha senão recuar.

Os hussitas tomaram o mosteiro à força e o queimaram por completo. Nas profundezas da abadia, o imenso tesouro permaneceu intocado e sua lenda passou de uma geração para a outra.

O tempo foi passando, as ruínas da abadia desmoronaram e, finalmente, foram inundadas pelo rio Elba. Mergulhadores tentaram em vão encontrar o tesouro. Apenas uma pequena parte remanescente da abadia permaneceu acima da água.

No século XVIII, o local foi vendido a um moleiro. que construiu um moinho de água onde antes ficava a abadia.

O moleiro que construiu o moinho e sua família costumavam falar

sobre os tempos do rei Carlos e sobre o tesouro da abadia. Um dia, uma coisa estranha aconteceu. As rodas do moinho pararam de repente. O moleiro e sua esposa viram o rio desaparecer no centro do leito. A água do rio foi drenada por um abismo subterrâneo, e as rodas do moinho ficaram secas por mais de meia hora. Então a água voltou. Todos falavam sobre isso, dizendo que a antiga abadia subterrânea deve ter desmoronado, e o caminho para o tesouro foi para sempre selado pela água.

Muitos ainda tentaram mergulhar e procurar o tesouro, até mesmo alguns viajantes de Veneza. Quatro mergulhadores venezianos uma vez procuraram pelo tesouro, mas apenas dois voltaram vivos das profundezas. Ninguém mais tentou desde então, e o tesouro da abadia está seguro no fundo das profundezas, protegido pelo rio até hoje.

@ da tradução e ensaio: Fernanda Mellvee

Editores: Flávio Ilha e Denise Nunes

Capa e projeto gráfico: Roberto Schmitt-Prym

Revisão: Press Revisão

Todos os direitos desta edição reservados à



Avenida Lavras, 289/401

CEP 90460-040 – Porto Alegre – RS

Telefone (51) 2103.4606

www.diadorimeditora.com.br

Q2 Quatro contos tchecos. / Karel Čapek ... [et al.];

tradução e ensaio de Fernanda Mellvee. – Porto Alegre :

Diadorim Editora, 2018

1. Literatura Tcheca : Contos I. Čapek, Karel. II. Mellvee, Fernanda.

CDU 821.1623-34